



PE. ANTÔNIO JOSÉ GÓES

Itabaiana * 13-06-1918

Manaus † 27-02-1976 (58 anos)

Nascido em Itabaiana, Sergipe, aos 13 de junho de 1918, filho de Valentim José Góes e Genoveva Maria do Sacramento, cresceu num ambiente onde desabrocharam outras duas vocações: um padre e uma irmã de Maria Auxiliadora.

Em 1929 entrou no colégio Nossa Senhora Auxiliadora em Aracaju, Sergipe; depois foi para o aspirantado de Jaboatão e em 1935 recebe a batina e entra no noviciado. Na mesma casa fez os estudos filosóficos. Faz quatro anos de tirocínio, passando pelo seminário de Belém, no Liceu Salesiano do Salvador, e o último ano como assistente dos aprendizes em Recife.

Partimos juntos para o estudo da teologia em São Paulo, sendo companheiros nos quatro anos.

Quando fez o pedido para a ordenação, os superiores deram o seguinte parecer: "Bom, piedoso, trabalhador, zeloso, sério e criterioso". Quantos o conheceram podem afirmar que se conservou assim até o fim de sua preciosa existência. Fomos ordenados no dia 8 de dezembro de 1945, pela imposição das mãos de Dom José Carlos de Aguirre, bispo de Sorocaba, e ex-aluno salesiano.

Depois da ordenação passou um ano como diretor dos estudos em Recife. Em 1948 foi destinado para o seminário arquidiocesano de Belém-Pará, onde se distinguiu pela seriedade e pelo saber. Em 1950 é nomeado diretor da sede da missão do Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira. Terminado o triênio, passa a exercer o mesmo cargo na missão de Jauareté, na fronteira com a Colômbia. Em 1956 é nomeado confessor em Santa Isabel de Tapuruquara.

Foi levado pelo zelo missionário a uma empresa apostólica que haveria de absorvê-lo totalmente até o último instante de sua existência: anunciar a Boa Nova aos índios Yanomames, na serra do Pico da Neblina.

Por 22 anos, desde seu primeiro encontro pacífico com aqueles silvícolas, o Pe. Góes viveu sua vida missionária feita de sacrifícios e renúncias, de perigos e dificuldades, de paciente espera, de trabalho prudente e sensato, de cativante alegria, com toda humildade e simplicidade. A ele devemos a fundação das duas residências missionárias entre os Yanomames.

Desejando aproximar os índios Yanomames, que traziam em contínuos sobressaltos os habitantes da margem esquerda do Rio Negro pelos repetidos assaltos aos povoados dos caboclos para roubar-lhes seus pertences, obteve dos superiores a licença muito desejada, e partiu para o Rio Cauaburí. Com sua prudência e especialmente com sua bondade, pôde aproximar-se dos terríveis Yanomames, ganhando-lhes a confiança e simpatia.

Histórico encontro com os Yanomames

O primeiro encontro foi um pouco difícil. Pe. Antônio contava que a primeira vez foi no rio Cauaburí, com um grupo de uns 10 homens. O padre estava com um motor de popa, e um grupo de índios estava na margem do rio apreciando no meio da folhagem, observando o que o padre fazia. Depois que o padre os viu, eles se aproximaram. Apenas com sinais o padre se fez entender. Fez sinal que voltaria depois de duas voltas da lua. Dois meses depois, no mesmo lugar, o padre apareceu, e também os índios foram pontuais. Já eram mais de 20, só homens. Pe. Antônio lhes deu alguns presentes: roupas, terçado, sal, açúcar.

Ficou com eles durante um dia. Prometeu que voltaria, novamente, depois de duas voltas da lua: depois de dois meses. Fiel ao compromisso, depois de dois meses voltou, e no mesmo lugar estavam muitos índios, homens, jovens e alguns meninos. Levaram o padre até onde podia avistar a grande maloca. Não o deixaram entrar.

Prometeu voltar novamente depois de dois meses. Arrumou bastantes coisas, recomendou-se a Nossa Senhora Auxiliadora e foi.

Nesta quarta vez os índios o receberam com muita alegria e o levaram para a maloca, onde ele pôde ver as mulheres e as crianças. Distribuiu tudo o que tinha, deixando todos satisfeitos.

Vê-se como adquiriram confiança, reconhecendo no padre uma pessoa amiga, sinal prático de levá-lo até à maloca.

Quando eu estive lá pela primeira vez, logo que souberam que eu era “tuchaua”, me receberam com alegria, e o tuchaua me entregou o arco e a flecha, sinais de grande amizade. Resumidamente este é o encontro com os Yanomames do Rio Cauaburí.

Uma cena não fotografada

De volta à primeira visita ao Marauiá talvez uns 300 índios Yanomames nos acompanharam até a embarcação. Chega-

dos à margem do rio, enquanto nós arrumávamos as coisas, todos os índios se espalharam no barranco, muito alto e olhando para nós. Era um espetáculo sem igual! Uma cena que se fosse fotografada, teria feito sucesso, porque se podia vender a preço especialíssimo. Pe. Antônio tinha máquina fotográfica, mas não se permitiu fotografar os índios como estavam, no estado natural. Aliás, posso dizer de ter examinado todas as fotografias tiradas por ele nas várias missões, vi uma com mais de 20 índios, no estado natural, fotografados estando atrás de uma grande árvore caída. Depois que se espalhou a notícia do encontro dos Yanomames, um médico especialista da Áustria escreveu que enviasse umas fotografias do natural, para estudo, que ele pagaria o que quisesse. Respondeu que não podia atender ao pedido.

Voltando para Santa Isabel, vitorioso por ter conquistado a amizade dos Yanomames, conseguiu dos superiores a licença para abrir uma residência entre eles. Voltou novamente com algumas mercadorias que eram do agrado dos índios, tornaram-se amigos, e começou a casa para a residência. Ajudou os índios a fazerem suas casas perto da residência e a melhorar suas roças. Introduziu o plantio da macacheira, que eles não conheciam, e que acharam muito vantajosa “porque dava menos trabalho”, disseram. A residência foi inaugurada no dia 24 de maio de 1958 e dedicada a Nossa Senhora de Lourdes, por ser o ano centenário das aparições a Santa Bernardete.

Depois de alguns anos, com a residência já organizada, os índios pacificados, foi bem substituído, e ele foi abrir outros centro dos mesmos índios no rio Maraiuá, sempre na margem esquerda do Rio Negro. Também lá construiu residência, ensinou aos índios a lavoura, a criação e a fazerem suas casas.

As novas orientações do Concílio Vaticano II pelo decreto “Ad Gentes”, não encontraram Pe. Antônio insensível. Pelo contrário, tomava informações, participava com muito interesse dos encontros de pastoral indigenista, consultava muito aos mais entendidos. Embora afastado, não se sentia isolado. Mantinha-se constantemente unido a todos: irmãos e amigos de

Manaus, no Brasil, da Venezuela, valendo-se dos recursos da técnica e da telecomunicação. E com isso, além da amizade, granjeava meios e recursos para a subsistência das obras. Periodicamente aparecia em Santa Isabel para passar alguns dias na comunidade da qual fazia parte. Todos admiravam seu espírito comunitário, sua capacidade de relacionamento com os demais, um natural prestígio que lhe vinha de seus feitos, relação dos acontecimentos e da venerável barba, como aparecia no *Boletim Salesiano* e em outras notícias.

Em virtude disso, a Divina Providência dispôs que em 1975, o seu trabalho fosse documentado pela equipe salesiana, que veio de Turim de propósito, quando menos pressentíamos seu imprevisto desenlace. Trata-se de um documento cinematográfico que foi lançado ao público, durante o centenário das missões salesianas “O MEU CAMINHO É O RIO”. Este filme tem dupla finalidade: mostrar ao vivo o trabalho missionário e o despertar de vocações. Numa hora difícil, Pe. Antônio através desta película desperta nos jovens e nos moços de ânimo generoso a chama da vocação missionária que ardia em seu coração magnânimo.

Carinhosamente convidado para tomar parte nos festejos centenários das missões salesianas em Turim e em Roma, viajara à Itália com aquela aspiração emocionante de quem finalmente vai ver o Oratório, a Basílica de Maria Auxiliadora, o mundo salesiano da Europa, e os lugares santos da cristandade, a Palestina de que ouvira falar a vida inteira, sem nunca ter visto.

De regresso a Manaus, manifesta seu profundo agradecimento para com aqueles que colaboraram para essa sua viagem, lembrando com íntima satisfação pessoas e lugares por onde passara, achando aquilo simplesmente maravilhoso.

A vida do Pe. Góes foi dura, várias vezes nas viagens a canoa se alagava, e ele perdia tudo. Foi visto chorar, mas nunca desanimado. Quando voltava a Santa Isabel, era uma festa para aqueles meninos e meninas, do Marauíá e do Maturicá. Nunca permitiu a fotógrafos que tirassem fotografias nus. Eu vi todas

as fotos tiradas nos dois centros e posso garantir que são todas conformes aos ensinamentos de Dom Bosco, que tinha uma castidade “selvagem”. Pena não termos gozado por mais tempo sua presença no meio de nós.

De volta da Itália, subiu com o motor da linha levando muita coisa. Chegando a Barcelos, como tinha um dente que lhe doía, mandou arrancá-lo e prosseguiu a viagem. De Barcelos para Santa Isabel houve infecção na boca com outras complicações. Foi obrigado a voltar a Manaus para uma consulta médica. Seu estado de saúde piorou rapidamente. A par de seu estado, pediu os santos sacramentos, que recebeu com plena lucidez de mente e resignadamente. Assistido pelo Pe. Inspetor e por outros irmãos, faleceu placidamente, deixando em todos muita saudade.

Que Nosso Senhor envie outros missionários decididos e dedicados, apostólicos, sacrificados como o nosso querido Pe. Antônio José Góes.

Podemos defini-lo, e justamente, O APÓSTOLO DOS ÍNDIOS YANOMAMES.